

## BRASIL DURO DE FUTURO, OU DE COMO SE CONSTITUIRAM OS HOMENS-COISA

Gastão Wagner de Sousa Campos (\*)

Os pensadores revolucionários sempre estiveram às voltas com o tema da dominação. Inicialmente, pensou-se que uma vez livre do domínio dos deuses das superstições o homem estaria liberto. Doce iluminismo. Logo verificaram que além da religião outras forças contribuíram para a crônica submissão dos seres humanos a ordens desumanas.

A ciência seguiu obrigada a desvendar a dominação. Depois de estudá-la, apalpá-la e de cheirá-la, foram descobrindo que o homem quase nunca seria plenamente senhor de seus atos. Sujeitos atados à vontade alheia ao interesse econômico, a instituições, ao passado, a valores herdados e a impulsos inconscientes. A própria noção de sujeito seria, pois, uma ficção histórica, no máximo uma possibilidade teórica. Um limite no horizonte.

Como tempo, diversas escolas vieram identificando as principais maneiras como a dominação veio se exercendo ao longo da história da humanidade. Às vezes, como sujeição ao poder militar ou político. Mas sempre um tanto, também como servidão voluntária: inúmeras variantes da alienação. Modernamente, muito, como sofisticados mecanismos de controle social e integração econômica. E talvez, bastante, como resultado do funcionamento das estruturas psíquicas estranhas ou relativamente independentes do ego: o inconsciente em geral, as pulsões em particular e as múltiplas introjeções de valores morais ao longo da vida.

A clínica psicanalítica tem reivindicado para si, a capacidade de produzir sujeitos do desejo, imaginando-se potente para ampliar o coeficiente de autonomia dos analisados. Por meio da interpretação dos conflitos, da crítica da noção de ego unitário, propiciaria aos indivíduos, meios de reconstrução ou de enriquecimento de suas identidades, no sentido de tomá-las menos neurotizantes. mais de acordo às singularidades de cada um e, portanto, mais libertas dos esquemas de dominação previamente estruturados(1).

A mim, me parece até que a psicanálise sutilmente reclama para si o monopólio desta habilidade. Todas as demais instituições produziram dominação, inclusive a própria civilização. A origem secundária do mal-estar. Em minha opinião, vários autores que trabalharam com conceitos elaborados por Freud deram prosseguimento a esta tradição. tratando de revelar os múltiplos modos pelos quais os sujeitos estão presos às estruturas que os condicionam e, às vezes. até falam por intermédio deles.

Para Lacan, por exemplo, a Língua seria uma prisão -cadeia de significantes -, e o sujeito estaria preso ao instituído pelo inconsciente, este sim – eternamente -instituinte.

Talvez, Foucault tenha sido o expoente máximo destas vertentes amarradas à noção de ubiquidade e onipresença dos dispositivos de dominação, particularmente quando ele demonstrou, à náusea, a genealogia do poder: micropoderes a cercar-nos por todos os lados, a ordenar-nos em todas as dimensões. A severa e rígida disciplina da clínica, da sexualidade, das palavras.

Na verdade, creio que ele representou uma síntese de duas tendências que vinham se preocupando com a sujeição dos sujeitos: a da psicanálise como vínhamos comentando, mas também a do marxismo. Se a psicanálise demonstrou a inevitável cisão do aparelho psíquico de cada cidadão, o marxismo antes já o fizera em relação a inevitável divisão da Sociedade em classes: conflitos de desejos e conflitos de interesses. A história como uma perene reelaboração destes dissensos, como uma reconstrução de fenômenos quase nunca operados em estado bruto: porque sempre ou sublimados, ou idealizados; ou inconscientes, ou ocultos; e obrigatoriamente mediados pelo Ego e pelo Estado.

Pois bem, antes de Foucault a ciência política, particularmente no seu ramo francês e estruturalista, dizia-nos da disputa estratégica pelo poder: falava-nos de conflitos irreduzíveis a não ser por meio da instalação de uma certa hegemonia. O Estado, a partir do feudalismo, foi considerado o instrumento privilegiado para exercício desta dominação. Por este motivo, nas últimas décadas, milhares de intelectuais trataram de desvendar os seus segredos, de conhecer-lhes as entranhas, tentando entender o porquê da estabilidade do instituído. Foucault, sem afastar-se desta tradição, expôs a microfísica do poder. Como o controle dos sistemas dependem fundamentalmente da instalação de milhares de pequenos esquemas de subordinação das pessoas.

Vivendo em um período de grande agitação -nucleado pelo maio de 1968 -e de grandes transformações políticas -o fim do colonialismo, militarização e democratização da América Latina -, mesmo assim, ele foi o teórico que conseguiu mais extensamente explicar por que, nas sociedades contemporâneas, a maioria dos homens vivem em conformidade às normas e às leis. Trabalho pesado e triste para um revolucionário como ele o foi. Provavelmente por esta razão seus livros científicos foram escritos numa linguagem literária. A beleza da forma e das imagens, compensado o desconsolo dos seus achados teóricos.

Mesmo em Gramsci, o filósofo pessimista mais otimista sobre a condição humana, hegemonia implica na capacidade de produzir sujeitos em série, conforme um determinado projeto ligado a um certo modo de produção de riquezas. Hegemonia, também para ele significaria construção de consenso mais alguma pitada de coerção.

***"A psicanálise demonstrou a inevitável cisão do aparelho psíquico de cada cidadão, o marxismo antes já o fizera em relação a inevitável divisão da Sociedade em classes: conflitos de desejos e conflitos de interesses".***

Ou seja, o que fazer para assegurar maiores coeficientes de liberdade aos homens vivendo em sociedade? Como aumentar o grau de autonomia de cada sujeito, de

cada grupo, classe social, da sociedade enfim, tanto em relação à natureza como à ordem sócio-econômica?

Hahermas sonhou um nível de ação comunicativa quando haveria composição de interesses, superação das lógicas da razão instrumental e estratégica. No entanto, pressinto que ele descurou-se dos temas da hegemonia e do inconsciente, subestimou tanto a contínua produção de novas maneiras de dominação como a racionalidade paradoxal dos desejos. Para ele, as pessoas comunicar-se-iam por um dom muito semelhante ao que já nos outorga a razão instrumental, Um hiper-iluminismo, o pós-positivismo, ambos já desmentidos pela história recente.

Apesar destas evidências; em contrário, mesmo assim, a humanidade vem teimando em apontar na possibilidade de serem criados dispositivos, em extensões; socialmente significativas, como propõe F. Guatari, capazes de dar suporte à produção de sujeitos autônomos, de instituições; de um novo tipo, democráticas e desmobilizadoras dos esquemas, mais ortodoxo, de hegemonia. No caso, por socioculturalmente significativo, estou entendendo um nível de mudanças que alcance O cotidiano das organizações produtoras de bens que modifique o papel de sujeição da escola dos serviços, culturais, de Saúde, e de lazer. Democratização da vida pública e, ao mesmo tempo, auto-análise dos sujeitos envolvidos. Cumprir as; utopias do marxismo e da psicanálise. de uma só feita. Criar novos settings: superar o confinamento do consultório do analista e .a claustrofobia centralizadora do partido-guia. Simples, tanto quanto esperar a cicatrização da quarta ferida narcísica: O dia em que descobriremos que todo homem pode ser um filósofo, sujeito, gestor do bem-estar da civilização. Todos, sem exceção de renda, raça, credo, escola, partido, religião e nacionalidade; todos independente da experiência analítica ou militante prévias.

Todos.

Particularmente, no Brasil velho de guerra haveria no horizonte estas possibilidades libertadora tendo em vista a agudeza das diferenças sociais e o abismo que separa várias classes?

A resposta a esta questão passa por uma discussão dos obstáculos; colocados à democratização do acesso à riqueza e ao poder, bem como depende de uma acurada avaliação dos mecanismos reprodutores da sujeição e da alienação em que vive a maioria dos brasileiros. Ou seja, exige a filiação criativa do analisador a todo este acervo teórico acima comentado.

Recentemente, Contardo Calligaris publicou um livro -Hello Brasil – onde analisa, dentro de algumas destas perspectivas, a alma do país(2). Para mim, essa obra funcionou como um poderoso intercessor (no sentido deleuziano do termo), tão estimulante que até animei-me a reescrever esta crítica.

Acho fascinantes os ensaios que combinam diversos referenciais para traçar um panorama geral de uma época, de um movimento ou de uma nação. Os autores expõem-se a riscos enormes, e em geral simplificam a realidade, mas também costumam produzir trabalhos belíssimos. Penso no Moisés de Freud, no XVIII Brumário de Marx, em alguns ensaios de Edmund Wilson.

O Hello Brasil apesar da modéstia do autor -ele sugeriu classificá-lo como um livro de viagens -inscreve-se neste gênero. Emociona pela beleza de algumas construções e estimula a reflexão pelo inusitado de algumas colocações.

No entanto, parece-me que Caligaris compreendeu bem o Brasil, mas deduziu mal. Senão vejamos.

Identifico três teses fundamentais no texto. Uma sobre as figuras retóricas predominantes entre os brasileiros, para ele ...no discurso de cada brasileiro, seja qual for sua história ou posição social, parecem falar o colonizador e o colono. Haveria, portanto no inconsciente e estruturado como uma linguagem uma ambigüidade entre a fala dos que vieram para dominar e explorar, e a de outros expatriados, explorados, dominados.

A segunda, indica-nos que a escravatura estaria eternizada como modelo de assujeitamento nacional. um passado dos escravos que se repetiu com os colonos (migrantes) e quase repetiria até hoje enquanto horizonte das relações discursivas e sociais.

Discordo destas duas hipóteses, da primeira porque a vejo subestimando as diferenças do imaginário de grupos com história ou posição social diversas, e também por reduzir a apenas dois os modelos inspiradores a partir dos quais falamos e desejamos. Da segunda, não concordo com a teoria da fixação no passado escravista.

Por outro lado, identifico-me com o terceiro eixo do trabalho, no qual o autor de mostra as ligações entre o econômico, o social e o psíquico.

O Brasil tem fascinado europeus de visão mais crítica, principalmente porque identificam aqui, traços do futuro. Este país não presta, repetem os brasileiros, mas há uma bruta esperança mesmo não se acreditando em quase que nenhuma das instituições nacionais, tanto que se percebe, apesar da recessão e da choradeira geral, investimentos em projetos de toda ordem. E os europeus ficam boquiabertos com isso, aqui ainda haveria movimento. Há estagnação dos trópicos, porém algo se move.

Caligaris nos fala de uma pretensão ridícula, aquela que supõe que a cultura originária dos escravos poderia constituir-se ou até sustentar um significante nacional. Afirmo que este desejo é minoritário, mesmo entre os pobres ou negros ou nordestinos. De qualquer forma, não sei se um povo, uma nação ou país poderiam possuir um único significante nacional. Julgo bastante improvável esta própria idéia. No entanto, se há algo que unifica décadas, gerações, classes e partidos neste país, este algo

***"Este país não presta, repetem os brasileiros, mas há uma bruta esperança mesmo não se acreditando em quase nenhuma das instituições nacionais"***

tem sido o mote de que o Brasil seria um país' do futuro. Ainda hoje, apesar da crise e do ceticismo das elites, teimamos em esperar. Pela distribuição de renda, pelo campeonato mundial de futebol, por aquela cerveja, aquele presidente que irá nos resgatar, aquele prefeito que irá modernizar nossa cidade. A força que a palavra moderna tem no Brasil. Quase todas as cidades tiveram que passar por um radical

processo de modernização urbanística, poucas se salvaram deste furor remodelador. Uma ânsia por soterrar o passado debaixo de camadas de progresso.

Um europeu, Stefan Zweig, fugindo do nazismo, acabou aportando no Rio de Janeiro no fim dos anos trinta. Como Caligaris, ele combinou argúcia com amor a este país, e desta combinação retirou insights brilhantes. Ele captou no ar esta coisa de porvenir, e escreveu um livro que se chamou Brasil: país do futuro(3). Logo ele, que se suicidou em seguida por não acreditar mais no porvir da humanidade. Ele e sua mulher, deitados em Petrópolis. olhando com olhos surpresos a azáfama brasileira.

Pois então, a minha hipótese para auxiliar na elucidação dos significados e dos significantes que estruturam os discursos nesta terra é a de que estaria acontecendo não uma regressão ao passado escravagista, mas uma fuga maníaca e obsessiva para o futuro. Nós somos a caricatura de um amanhã. o símbolo de um mundo dominado pelo neoliberalismo selvagem. Por isso é tão difícil para a boa-consciência ocidental olhar o Brasil de frente mais fácil é encarar a miséria da África ou da Índia e explicá-las pelo atraso. Nós não somos o prenúncio do que serão os pobres e desempregados dos Estados Unidos ou da Europa se não forem alteradas as atuais tendências políticas e econômicas. Miséria com televisão geladeira e espírito laico de cidadão consumidor.

O que predomina hoje no Brasil não é nem o discurso do colonizador e nem dos colonos. Isso ainda existe como resíduo histórico, como camadas arqueológicas soterradas pelo estilo de civilização aqui construída. Caligaris viu um fóssil. que começou a ser destruído na década de quarenta com a industrialização e a acelerada urbanização. De maneira heterogênea. é verdade. Porto Alegre e Salvador. Neste sentido, são exceções. Nestas cidades há uma certa continuidade com o passado. Nas cidades gaúchas preservou-se o estado de espírito do colono e na Bahia a tradição colonial ainda transpira por muitos poros. Portanto, ao analisar-se a alienação dos da terra, há que se considerar as diferenças regionais: histórias muito diversas produzem discursos essencialmente diferentes!

Contudo, na maior parte do país houve um fortalecimento dos ideais capitalistas de enriquecimento individual e de fruição desregrada de objetos/situações idealizadas centralmente pelo imaginário norte-americano: carros, férias, mulheres e. mais recentemente, homens como objetos sexuais. Luxo ostentação de objetos. Há muitos anos a elite do país foi abandonando sua tradicional postura oligárquica e aderindo, a um vale-tudo sem princípios, sem nenhum outro compromisso ético ou social a não ser o de acumular dinheiro e poder.

Ao mesmo tempo. a crônica crise econômica e a inadequada distribuição de renda interditarão para a maioria o acesso a esse estilo de vida. No entanto, o desejo permaneceu. E permanece ainda porque, durante anos, o cinema hollywoodiano influenciou decisivamente no contorno dos nossos apetites e porque há o ainda mais poderoso e repetitivo estímulo da televisão que aproxima a maioria dos brasileiros deste modo de vida, criando a expectativa de que todos poderiam viver como modernos mandarins.

Nós, os nativos, queremos o sabor de Miami e prazeres da novela das oito, para ontem. Num passado, longínquo, a crise do feudalismo europeu lentamente gerou força de trabalho livre de quase todas as pejas do passado. Produziu, portanto,

peessoas tanto prontas para se render ao assalariamento como ansiosas por novas visões de mundo que lhes aplacassem a crise de identidade. Pois bem, num passado recente, o desenvolvimento brasileiro revolveu o terreno e as mentalidades pátrias em uma extensão semelhante àquela européia. Transformou-se o mundo, alteraram-se as subjetividades, cambiaram-se as maneiras de reagir.

Migramos e mudamos muito. E a tal ponto mudamos, que no Brasil poucos sentem-se presos às tradições. Pouquíssimos sentem-se proprietários de algo. Certamente, mais de dois terços dos brasileiros não têm raízes antigas a prender-lhes a alguma casa, bairro ou cidade. Nos últimos anos, milhões e milhões mudaram-se de cidade e de região: Recife é a terra dos retirantes do sertão, São Paulo a major metrópole nordestina do Brasil, Belo Horizonte é a morada dos mineiros do interior, o Paraná recebeu e já está perdendo contingente imenso de camponeses, as regiões norte e centro-oeste assistem a um far-west latino, sua população triplica, quadruplica ao sabor das estações. Ninguém está ligado a nada. Muitos estamos em trânsito, poucos fixaram pouso.

O coeficiente de pertinência da maioria dos brasileiros é baixíssimo. Não há empregos estáveis ou sequer duradouros. A adesão explícita a ideologias ou a partidos é evento raro. A religião com major número de adeptos é frouxa, não criando vínculos do tipo comunitário. Ninguém pertence a nada, e o povo pobre costumava cantar:

*o meu coração é , só de Jesus,  
a minha alegria é a Santa Cruz.*

A maioria, só pertence à sua própria família. Mesmo estas, reduzem-se a cada dia, e as famílias quebram-se tanto pela migração em busca de trabalho ou saúde, como pela expansão do trabalho feminino em fazendas e empresas, ou pela liberalização dos costumes e pelo nascimento de milhões de crianças filhos de outras tantas crianças. E segundo dados do IBGE para 1992, para quase um terço de brasileiros nem esta instituição subsiste; seres solitários. Para todos estes falar em modo de subjetivação ligado à função mãe preta é ridículo, pois sequer a função mãe ou a

***“Há muitos anos a elite do país foi abandonando sua tradicional postura oligárquica e aderindo a um vale-tudo sem princípios, sem nenhum outro compromisso ético ou social a não ser o de acumular dinheiro e poder”***

função instituição familiar eles conseguem mais experimentar! A maioria absoluta da sociedade não acredita em mãe-preta. Esta é uma auto-imagem cultivada pelas elites. A estrutura familiar típica da maioria dos brasileiros é de uma mãe sobrecarregada pelo cuidado e afeto a muitos filhos, com um pai ausente, real e culturalmente ausente, na labuta. Para a maioria, na infância, não há desfrute licencioso do corpo de outro. Há carência, há falta, há distância. Há muito não há uma estrutura familiar universal, nem como fenômeno concreto nem como horizonte modelar, e, portanto, não há um caráter nacional unívoco. Haveremos que trabalhar com as diferenças das histórias individuais, de regiões, de segmentos e classes sociais. A maioria não consegue nem imaginar situações onde os desejos das crianças são centrais na dinâmica familiar. Isso acontece entre as camadas médias intelectualizadas. Para as elites nordestinas ou nortistas

seguem as mães-pretas, e, em consequência, a sensação de que teriam para sempre um direito natural de explorar a todos.

O sentimento de pátria é tênue; o fanatismo é fenômeno raro, curioso e freqüentemente motivo de deboche: as galinhas verdes, os crentes, a esquerda fanatizada. Minorias. Só o futebol ultrapassa esta lógica. Não há sentimento de pertinência a sistemas filosóficos ou éticos.

Tudo estrutura-se e desestrutura-se muito rapidamente, diante do olhar perplexo de uma mesma geração acontecem coisas do arco da velha. Em consequência, forjou-se um povo livre para abraçar a sociedade de consumo sem vacilações, sem apego sentimental ao passado.

Houve, portanto, uma mudança de qualidade do fantasma nacional em consequência da singularidade do nosso desenvolvimento capitalista. A marca mais típica desta transformação, em minha opinião, estaria não na tomada do outro como escravo, mas em algo muito mais assustador, muito mais característico do século XX, a saber, a utilização do outro como Objeto Descartável. Estaria em negar, absolutamente, a condição de sujeitos às pessoas. Coisas. Do Macunaíma ao Bencoisalguma, um novo personagem à procura de um autor.

A referência major do discurso dos brasileiros, nossa identidade máxima, está em tomar o outro como Objeto, e não mais como escravo. Freud, em uma carta dirigida a Albert Einstein, havia chamado a atenção para o fato de que a prática da escravidão só aparece nos casos em que há interesse, em atribuir tarefas servis ao inimigo vencido cuja vida foi poupada. Neste caso, a violência não se expressa em matar, mas em subjugar. Em português, um sinônimo de escravo é cativo, ou seja, escravizar é igual que cativar. Ao proprietário importa subjugar, mas importa também alimentar, castigar, adestrar. Do cativo espera-se obediência incondicional, respeito e, às vezes, até mesmo devoção. É uma relação que contamina, o uso do corpo do escravo deve assegurar viabilidade ao próximo uso, nunca é um corpo descartável dispensável. Esta permanência acaba criando afetos: raiva, ódio, vínculos patriarcais, sei lá o que mais.

Por outro lado, de um objeto espera-se tão somente passividade, incapacidade de reação, e com ele cria-se tão-somente uma relação instrumental e passageira. Vivemos em um país do futuro, onde a subjetividade hegemônica é a do consumidor destrutivo. Seres que se julgam potentes, autorizados a todos gozos, um hedonismo que se realiza ao preço da destruição (consumo) das coisas-objetos, inclusive quando estes objetos sejam homens ou mulheres. Seres de uma sensibilidade tão gananciosa que têm dificuldade em negociar as renúncias indispensáveis do outro, da espécie humana e do meio-ambiente.

Houve ainda o enfraquecimento, a lenta desmoralização, das éticas do protestantismo e do catolicismo em decorrência de algumas peculiaridades do próprio funcionamento do capitalismo brasileiro. Aqui, enriqueceu-se quem já era rico e já tinha poder, quem ousou e pode roubar aqueles que puderam pairar acima das leis dos homens. O trabalho nunca chegou a constituir-se em valor simbólico determinante, o respeito humano e a solidariedade caíram em desuso servindo mais como motivo para galhofa. Tudo legitimava-se automaticamente desde que servisse para assegurar acesso

ao maravilhoso mundo de Miami. Uma referência: Emerson Fittipaldi, o incansável corredor, descansando os pés lá...

Os sinais e sintomas desta mudança apareceram mais claramente a partir da década de oitenta. Passando, então, a predominar um imediatismo radical, uma urgência em se ter acesso aos bens e a um certo estilo de vida civilizada. A passividade e o conformismo, o famoso homem cordial ou submisso do período colonial, passaram realmente à condição de marcas arqueológicas do passado. Agora, entrou em cena a urgência a pulsional ao gozo, e não qualquer gozo, mas um à la Estados Unidos, característicos das sociedades contemporâneas fundadas no ídolo do consumo.

Esta mudança pode ser captada em várias dimensões, ou em diversos blocos sociais que a partir do mesmo estímulo reagiram de forma diferenciada, construindo distintos discursos e diferentes formas de agir. Ou seja, nós os brasileiros estamos, ao mesmo tempo, mais livres e também mais presos. Os desejos estão libertos e as convenções senhoriais dos passados poucos funcionam: poucos ainda as internalizam como imperativos morais, Mas estamos mais dominados por um modo de subjetivação que nos separados outros, que destrói instituições e esperanças: estamos presos à compulsão de sermos futuro: a promessa da felicidade escondida dentro de um objeto descartável de consumo, sempre existindo em um futuro próximo desejado e nunca no já desfrutado.

***" A referência maior do discurso dos brasileiros esta em tomar o outro como Objeto, e não mais como escravo".***

A adaptação da elite à este novo quadro não foi traumática. Houve algum drama e algum saudosismo discreto. Resultou até em literatura e cinema novo. Porém, logo, acostumaram-se aos caixotes modernistas e venderam sem remorso seus casarões coloniais. Da fazenda às empresas foi um pulo. Abandonaram a França e acolheram os Estados Unidos com regozijo. Mesmo porque nunca foram cordiais. Em nome do seu gozo acabaram com o brasil, a madeira, e com muitas outras riquezas. O significante brasil, que Caligaris quer de toda a nação sempre foi muito mais um modo da elite relacionar-se com a natureza e como outros: o imperativo da satisfação dos próprios interesses sem nenhuma disposição negociadora, sem nenhuma vontade de conceder algo, incapazes de qualquer renúncia. O povo não, o povo excedia-se no conformismo, no respeito ao .status-quo. O capitalismo foi quem quebrou isso. Hoje, todos tendemos a reificar as relações humanas.

O novo estaria no banditismo endêmico e massivo que explodiu de quinze anos para cá. São bairros inteiros entregues à contravenção, um movimento contestatório de massa onde o institucionalizado é tênue e o fluxo é mantido como uma pulsão ao gozo direto, gozo radical, selvagem, onde há outro e nem há futuro: só há os adversários, o Eu e o agora e o aqui. E aqui Caligaris também se enganou. Quando pivetes assaltam carros ou casas com passageiros ou moradores de corpo presente, não o fazem pelo gosto de subjugar escravos. De fato, neste proceder há muito mais compulsão imediatista do que cálculo. Afinal, aprender a violar fechaduras, fazer ligações diretas sem chaves, esperar pela chegada da noite, roubar em silêncio como o felinos, tudo isso exige preparo, estudos, cuidados. Exige adiamento do gozo, demanda tempo. E isso não há nos gozadores do futuro neoliberal. Há objetos materiais, há



obstáculos, que devem e podem ser eliminados. Escravos não são eliminados, objetos sim.

Entre esta massa de subproletariado e a elite debatem-se outros segmentos, massaroca de diversas classes e ideologias e sensibilidades. Nos anos oitenta, o surgimento do partido dos trabalhadores (PT), dos movimentos eclesiais de base e dos sem-terra, ocorreu como uma tentativa de captar esta vocação de acesso à civilização. Por isso, estes esforços incomodaram tanto as elites: trabalhava-se com a possibilidade de superar o imediatismo pulsional de parte do povo. Discipliná-lo, dando-lhe potência, resistência e eficácia social. O discurso do Lula sempre dirigiu-se para essa gente: somos fortes, poderemos ser bonitos, ter acesso à alimentação, escolas, saúde, ao lazer, à ginástica. No entanto, os dispositivos montados pela esquerda para representar e dar vazão a esta urgência pulsionar não foram capazes de dar contingência à maioria do povo e tampouco se conseguiu mudar as condições de vida que seguiram produzindo máquinas de consumo autodestrutivas. De qualquer forma, estes movimentos criaram espaços de competição com os modos dominantes de subjetivação. Formas alternativas de resistência e de construção de laços de solidariedade, ainda que continuamente solapadas pela agressividade da concorrência e pela aspereza da luta pela sobrevivência nas cidades brasileiras. Repetidamente ressurgem os exclusivismos e os corporativismos que separam os incluídos dos excluídos, os empregados dos desempregados, os militantes dos apáticos. Reforçando-se com isso a postura defensiva das camadas médias urbanas, adormecidas em frente da televisão, tremendo de medo do assaltante que vai chegar, mas também do governo que promete muita democracia, e muitos conflitos necessários para redistribuir a renda e vencer os abismos de desigualdade social deste país. Covardes para porem-se em armas, tudo esperam do Estado, até que este mate a todos os marginais incômodos por meio da legalização da pena de morte.

Em resumo são vários os modos de subjetivação dos segmentos e classes do povo brasileiro, desde resíduos pretéritos até os futuros possíveis da solidariedade hedonista ou dos homens-coisas descartáveis.

E então retorna a pergunta: haveria no Brasil velho de guerra condições para aumentarmos o coeficiente de liberdade e de autonomia da maioria do nosso povo? Dominação ou dominamos a ação?

**Domini amos, sagrados amos ou livres ex-servos? Há ver.**